Anno I

EIXO, 5 de Agosto de 1904

Numero 14

ASSIGNATURAS:

Portugal: anno, 600; semestre, 300 reis.
Brazil: anno, 1$200 reis, moeda forte.
Africa: anno, 800 reis.
Pagamento adeantado

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE THOMAR N.º 3 — COIMBRA
Typographia Democratica

Editor Elyseu da Silva

Correio do Vouga

QUINZENARIO INDEPENDENTE

Orgão dos interesses da villa d'Eixo

PUBLICAÇÕES:

Annuncios, por cada linha, 10 reis.
(Imposto de sello, por cada um, 10 reis.)
Communicados, cada linha, 20 reis.
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações litterarias com que este jornal for honrado.

Director — Alfredo de Magalhães

VASCO VIDAL

NUNCA me senti tão embaraçado, ao principiar a escrever, como n'este momento — em que tenho de recordar a morte d'aquelle a quem me prenderam laços de sangue e d'uma inconfundivel amizade; — em que tenho de fallar d'um verdadeiro poeta e d'um grande artista, d'um coração amplamente aberto aos mais generosos ideaes de Justiça, de Amôr e de Paz, d'um espirito delicadissimo e ao mesmo tempo profundamente complexo, succumbido apoz uma lucta tremenda comsigo mesmo.

Eu não deveria escrever; mas sorri-me a suave esperança de que, crystalisadas em palavras as lagrimas trasbordantes da minha alma, talvez consiga libertar a saudade — que só morrerá commigo — d'essa grande dôr, que se veio juntar a outra ainda maior, immensa, — força despotica e absorvente de toda a minha acção, de toda a minha vida.

Está a fazer um mez que elle deixou de existir — e eu ainda não pude identificar-me com a horrivel verdade de que um aperto de mão, entre palavras alegres, na despedida por alguns dias, haja marcado a nossa separação para sempre.

E' que a maior parte dos poucos momentos d'uma alegria mentirosa, que têm interrompido a marcha pesada, quasi somnolenta, da minha vida, passei-os com elle, sob o mesmo tecto, n'um mesmo quarto de estudante, a um canto d'essa velha Coimbra — de lendas e poetas.

Vieram-me agora á memoria, ou antes ao coração, algumas palavras da ultima carta que elle escreveu para mim. Diz-me n'ella: « Não me chores, porque, sem duvida, vou para melhor logar do que aquelle em que tu ficas. »

Reconheço, porque a sinto, a grande verdade que essas palavras encerram. Apesar d'isso, só o deixarei de chorar, quando deixar de pensar e de sentir. Até lá, viverá commigo a Saudade, cada vez mais intensa, — principalmente porque já arrojei de mim a sublime illusão de que o poderei tornar a ver, ou de que, ao menos, as nossas almas se poderão tornar a confundir.

Já não posso illudir-me até ao ponto de acreditar n'uma *outra vida*, porque a minha Razão se recusa d'uma maneira irresistivel a acceita-la. Por isso, emquanto eu não adormecer para sempre, emquanto não arrastar até ao calvario a pesada cruz — que é a minha existencia — uma grande parte das minhas lagrimas será para conservar sempre viva a flôr da saudade — que tão expontaneamente brotou no altar, erguido no meu peito á sua memoria.

*

Recordar o Vasco Vidal — é embrenhar o meu espirito no labyrinto mysterioso dos motivos que o poderiam ter levado ao suicidio, para mim verdadeiramente singular, porque nunca o poderia suppor um suicida.

Conheci-o sempre a rir e a cantar — apparentando a mais extranha e invejavel tranquilidade na sua vida psychica. Julguei sempre — e muitas vezes lh'o disse — que no espelho crystalino da sua alma nunca se reflectira essa suprêma Dôr — enervante e paralysadora de toda a acção — que para mim é a propria essencia da Vida.

E ao sentir o contraste flagrantissimo entre as nossas compleições animicas — julgava-o o filho predilecto d'essa Força que n'uma sublime Inconsciencia nos impoz a Vida — e tinha a dolorosa illusão de que elle vivia n'um mundo á parte, a que eu nunca poderia ascender.

E eu ainda vivo — embora tyrannicamente me vá estrangulando a alma o Desespero; e elle suicidou-se aos 20 annos — quando eu julgava que a sua alma se debatia n'um anceio extrêmo por viver.

Depois d'isto — o Vasco é para mim completamente outro: — convenço-me de que os seus olhos grandes, negros e muito vivos mentiam sempre quando exprimiam alegria — que nunca poderia ser o reflexo do que se passava na sua alma, vivendo n'um amplexo estreito com a Dôr — germen do Desespero — que n'uma resolução suprêma o levou á morte.

Só agora avalio quanto elle soffreu — e a enorme parcella de dôr que eu deveria ter accrescentado ao seu soffrimento, dizendo-lhe — como tantas vezes lhe disse — que o julgava feliz. Só agora comprehendo bem a grande verdade que Musset exprimiu n'este verso — *C'est qu'on pleure en riant.*

*

D'esse estado d'alma — nasceu o grande poeta que me revelam os versos, que elle deixou, dizendo que «eram todos, todos, para mim», e que eu guardo religiosamente, porque — lê-los — é sentir palpitar o seu coração, é perceber os estremecimentos da sua preciosa alma, é ver os labios a abrirem-se-lhe n'um sorriso — quando lá por dentro a Dôr lhe ia retalhando todas as fibras.

Eu preciso de confessar que só agora o admiro como poeta.

A forma artistica é muitas vezes imperfeita, e o sentimento que ella traduz — eu julgava-o falso, postiço.

Eu nunca poderia acreditar na sinceridade dos seus versos, porque a maior parte d'elles fazem-me chorar — e eu via-o sempre a rir.

Agora — quando os leio — extasio-me na admiração d'um grande poeta, profundamente sincero e extremamente meridional, que uma educação litteraria bem dirigida faria impôr á Intellectualidade d'um pôvo.

Mas o Vasco não cultivou só a Poesia; dedicou-se tambem á Pintura — e eu não receio affirmar que elle viria a sêr um grande pintôr.

O Vasco enthusiasmava-se extranhamente deante de tudo que era bello: uma mulher, uma paysagem; ás vezes, um pequenino nada, que eu olhava com fria indifferença.

Muitas vezes — a deshoras — quando a lua já quasi desmaiava, pedia-me para o acompanhar ao *Penêdo da Saudade*, esse retalho de de Coimbra, extraordinariamente evocativo.

Eu ia por passear. Mas, n'elle havia alguma coisa de extranho e superior, que lhe impunha a necessidade de lá ir: era a sua alma — d'uma compleição profundamente sentimental e sublimemente artistica.

Dentro em pouco, eu sentia-me com vontade de voltar a casa. Mas, para o não despertar do Sonho em que a sua alma se extasiava, punha-me a passear em diversas direcções, quasi desordenadamente, procurando afugentar o aborrecimento com o fumo d'um cigarro.

Quando já não podia vencer por mais tempo o desejo de me ir juntar á solidão do meu quarto, e me resolvia a pedir-lhe para nos retirarmos — surprehendia-o n'um mutismo eloquente, com os olhos pregados fixamente no horizonte distante, — e o espirito a pairar-lhe, n'uma idealisação sublime, sobre aquelle trecho admiravel da natureza.

O que se passava n'elle, quando eu o arrancava a esse arrebatamento de espirito — não o comprehendia então.

Agora, quando se avolumam na minha memoria todos estes factos, parece-me vêr avultar d'entre elles o grande artista, cujo nome alguns dos seus amigos aqui recordam hoje, piedosamente.

Eixo (Aveiro) — 1-VIII-904.

ALFREDO DE MAGALHÃES.

O VASCO

(VESTIGIOS D'UMA ALMA)

A memoria d'um moço que morreu tristemente desesperado da vida por motivos complexissimos, e cuja alma, no sublime desiquilibrio da sua constituição, eu admirei e amei, nos reune aqui possuidos do mesmo sentimento de magua e admiração affectiva; e, se ha manifestações humanas que eu julgue limpas de sordido interesse e dignas da communhão de todas as almas, são estas feitas a alguem que foi bom e alegre, d'uma sociabilidade amavel e risonha, espirito alto de artista em embryão, — e que por ter dotes tão eminentemente superiores e raros, a vida o maguou e feriu — e por isso elle a abandonou friamente, deliberadamente, numa tarde melancolica.

O Vasco era alegre e vivo e enthusiasta, vibrando todo na emoção das coisas bellas; e a sua alma estranhamente edealista só poisava de leve na realidade, levada d'um requintado appetite a provar dos amargores da vida — como as borboletas, que abrem as azas brancas ao sol da primavera, afloram de leve a flôr hostil dos cardos.

Elle foi um meridional arrebatado, que muitas vezes eu vi partir atrás d'uma guitarra noctambula e gemebunda, nas claras noites de Coimbra; e não ouvia então ponderações sensatas — lá ia vibrante e inquieto, ou recolhido na emoção enervante, para onde o levava a magia do Som.

E esta alma delicada e rara, que arrastava na sua alegria facil e communicativa as outras almas, parecia, por uma conformação particular, singularmente forte em face das contrariedades da vida. A melancolia — esse fumo pardo que turva os limpidos horisontes do espirito — dissipava-se-lhe rapidamente batida de novas emoções e sentimentos, porque a sua alma era como limpida esphera de crystal transparente e movediça, reflectindo todas as sensações, todos os enthusiasmos, na alegria e na dôr, sempre em accorde com as almas visinhas, — e por isso todos o amavam.

Era mesmo um dom nelle accentuadissimo — este da communicação rapida com os outros homens. Lembra-me bem a sua rapida popularidade no lyceu de Coimbra, que se explica pela bondade dos seus olhos grandes, negros e luminosos, rasgados como duas janellas nas paredes da alma; — quem passava olhava para dentro, e o que lá via era tão claro e limpo das impurezas vulgares, que o espirito se lhe detinha confiadamente junto d'aquelle outro espirito — e repousava.

Em tardes amaveis e claras, nós passeavamos com elle, mostrando-lhe a paizagem de Coimbra, singularmente evocadora. A exclamação de enthusiasmo era nelle immediata e apaixonada — e procurava mesmo dar pelo verbo a expressão nitida da sua emoção, numa eloquente e diffusa verbosidade. A minha prozaica indifferença em face de coisas tão habituaes irritava-se com esse enthusiasmo lyrico, e num desforço de *veterano*, eu impuz-lhe, um dia, e sob a minha fiscalização uma aprendizagem d'arte poetica — o cultivo da definição artistica pela imagem. Elle, com apparencia de comica seriedade, concentrava-se em face do motivo emocional e atirava depois a imagem, com desordenada movimentação de gestos e de mimica, no meio das gargalhadas estridentes com que acolhiamos o disparate imprevisto e ás vezes formidavel — mas sempre gracioso.

E assim eu passei uns breves mezes com aquelle amavel espirito, cobrindo de ligeira ironia as coisas sérias da vida, e surprehendendo as suas delicadezas d'alma, as suas vagas aspirações — onde já se esboçavam fluctuantes os Sonhos de Gloria. Descendo mais fundo, aos ambitos escuros, eu descobri tambem — como o lôdo no fundo d'um lago azul e sereno — as vagas contrariedades, desgostos indefinidos e incoherentes, que mal agitados vinham á superficie, turbando a limpidez habitual.

Em todas as almas existe este fundo lodoso; — é o residuo da movimentação psychica do passado; e em camadas mais fundas a herança tem os seus depositos occultos que são os mais perigosos. E' neste fundo negro e confuso que nós devemos procurar as cauzas do desastre que lhe arrancou a vida; um motivo na apparencia de pouco valor, mas fortemente avolumado na imaginação facil e desordenada, era bastante para perturbar o equilibrio apparente e rizonho que o destinguia, precipitando-o na morte.

* * *

Em noites d'inverno, nós vivemos intimamente, quando elle illustrava as paredes do meu quarto de estudante com grandes figuras femeninas.

Lançava largos esboços, com traços que eu lhe fornecia de memoria, d'alguma mulher que eu então amava; e elle, depois tambem amava essa figura, por uma intensa sympatia artistica que o possuia em face de formas que traduzissem vida.

Conheci-lhe tambem o dom da exaltação enthusiastica num grau que ainda não vi attingir por outra creatura, ao mesmo tempo que era d'uma rara paciencia na realização material da ideia.

Estas duas qualidades assim equilibradas, fariam d'elle talvez um grande artista — um grande poeta, um grande pintor — que ambas estas artes elle cultivava.

Notei um dia, com grande pasmo da minha parte, que elle era observador — o Vasco observador! — e esta qualidade revela-se em algumas poesias suas, onde, por entre muita imperfeição technica e muita sentimentalidade postiça, brilham imagens flagrantes de verdade, conceitos firmes e synthéticos — que são para mim a promessa da obra futura — original, vivida, verdadeira — quando a experiencia moderasse o precepitado enthusiasmo, e uma cultura intensa e larga lhe mostrasse o mundo e a vida claramente, varrendo as noções bebidas em falsas leituras d'acaso.

Eu penso que foram leituras d'estas, feitas intensamente e sem criterio algum, que produziram nelle a intoxicação litteraria, doença terrivel de que tanto sofre a mocidade culta, e magistralmente analysada por Flaubert na «Educação sentimental.»

Se a leitura é variada, o mal não é tão grande; produz confuzão, desiquilibrio, instabilidade psychica — falta de caracter portanto; — mas quando ha livros e auctores predilectos, com notavel desvio do typo psycologico normal — a doença então attinge o estado morbido, com caracteristicos de vicio organico de difficil extincção.

O Vasco tambem soffreu d'esse estranho mal. O livro *Só* de Antonio Nobre — cujo successo na mocidade intellectual diz bem alto quanto essa doença é commum, — veio-lhe um dia ás mãos; e por circumstancias de identidade animica — as mesmas susceptibilidades, a mesma fraqueza ingenita para vencer, imaginação facil — avolumando o mal e generalizando-o pertinazmente — firmou-se-lhe no espirito uma preferencia apaixonada pela sua leitura. Ultimamente, de madrugada, accordava e lia Antonio Nobre — vorazmente, horas seguidas, esquecendo habitos e necessidades; — e quem conseguirá provar que esse livro, com o prestigio fascinante e fatidico do auctor, não contribuiu indirecta mas grandemente para o seu tragico fim?

Termino estas linhas de singela e saudosa homenagem num momento de grande melancolia. O' meus amigos, fica-nos para trás — no passado — a primeira mocidade

inquieta e descuidada, e vejo a vida escura, sem um fim determinado e real que mereça o esforço da lucta; alguem que nos deve a illusão da felicidade, pela exuberancia com que se movia na vida, partiu desesperado — porque ella se lhe mostrou hostil, sob o seu verdadeiro aspecto; — e nós ficamos.

Que esse tumulo seja para nós de recordação piedoza e de frio e positivo ensinamento.

Covões (Cantanhede).

Mario de Vasconcellos.

Vasco Vidal

«A capa dos estudantes
E' um jardim de flores...»
Só a minha é um sudario
Que me encobre muitas dores.
VASCO VIDAL.

E' bem difficil e dolorosa a minha missão. Quem ha que não se sinta constrangido, ao prestar publicamente o seu preito de homenagem a um jovem, em quem não sabiamos que apreciar mais, se o admiravel talento da sua alma de Poeta, se as preciosas qualidades do seu coração de bohemio? Quem poderá sahir inteiramente satisfeito d'este dédalo em que se nos deparam os bellos predicados do saudoso auctor das «Tristezas na Mocidade»? Oh! ninguem, ninguem!

* * *

Quem estudasse profundamente o estado psychico do inditoso Vasco, quem acompanhasse de perto todas as evoluções do seu espirito, definiria logo a nobreza dos seus sentimentos e a ingenuidade da sua alma desprendida d'esta vida hybrida. Um espirito assim, fragil como a brisa e suave como a Poesia, não poderia certamente reagir contra os primeiros dissabores, nem contra as primeiras injustiças, como muito bem se deprehende d'este quadra,

«A capa dos estudantes
E' um jardim de flores...
Só a minha é um sudario
Que me encobre muitas dores.»

se não houvesse um anjo que o transportasse á vida ideal

«Amo-te tanto, Clorinda,
Que basta que os teus cabellos
Te beijem a face linda,
P'ra ficar cheio de zelos.»

Transposta a méta da vida chimerica, temos o Poeta, o Idealista e o Sonhador, a desenhar toda a magua que lhe causa tão brusca metamorphose —

«Isto da gente se lembrar que um dia
Deixa p'ra sempre a vida de estudante,
Causa-nos magua, como a melodia
D'uma guitarra a soluçar distante.»

* * *

Vasco Vidal desappareceu por ser demasiado altivo. Se a sua cerviz se curvasse perante aquelles a quem só agrada a adulação, se sacrificasse toda a sua liberdade de Poeta ante seres que socialmente repudiamos, a sua carreira seria brilhante, garantido estaria o seu porvir. Mas quem com tanto sentimento canta os olhos e cabello da sua amada, quem com tanta nostalgia evoca as margens do poetico Vouga e os reductos da sua aldeia, não deve por forma alguma tornar-se servil em detrimento do mais sagrado dote da Natureza, porque o Poeta deve ser livre como a hyalina lympha d'um arroio ou como a brisa das madrugadas. E' por isso mesmo que eu mais admiro ainda a nobreza de caracter de Vasco Vidal e a sua condição congenita e me revolto contra a anomalia d'esta sociedade torpe que só deixa vicejar aquelle que fizer da consciencia um mercado, embora essa coarctação de liberdade vá anniquilar uma vida.

Que me perdoe o pobre Vasco e que me desculpem todos aquelles para que forem dolorosas as minhas cruas mas sinceras expressões.

Porto

FELIX PEREIRA.

Versos de VASCO VIDAL

CANTIGAS

O nevoeiro no mar
Desnorteia o navegante;
Que fará o teu olhar
Mais negro e mais penetrante!

Desde o dia em que te vi
Nunca mais pude olvidar-te;
E tanto olhei para ti
Que te vejo em toda a parte.

D'um beijo te fiz pedido
Que paguei logo depois;
Hoje estou arrependido
De não ter pago com dois.

Eu quero quando morrer
Levar de recordação
Do teu cabello uma trança
A fechar o meu caixão.

Sou marujo, vou-me embora,
E nunca torno a voltar,
Que as ondas do teu cabello
Matam mais do que as do mar.

A estrellinha do norte,
Tão linda, tão prateada,
Foje de inveja, se avista
O rosto da minha amada.

Os teus vestidos são negros,
Teus olhos tambem o são,
E' negra a minha alegria,
E' negro o meu coração.

Amo-te tanto, Clorinda,
Que basta que os teus cabellos
Te beijem a face linda
P'ra ficar cheio de zêlos.

Que me enganavas jurou
Um mal-me-quer que esfolhei;
Qual das flôres me enganou
Queria saber e não sei.

Teus olhos negros, divinos,
Foram estrellas outr'ora;
Deus, por serem assassinos,
Mandou-os do ceu embora.

Tuas mãos, feitas de rosas,
Oh estrella sonhadora,
São mais brancas, mais formosas,
Que as mãos de Nossa Senhora.

Se disserem que morri
Vem tu pegar ao caixão
E verás como por ti
Inda bate o coração.

Mocidade

Isto da gente se lembrar que um dia
Deixa p'ra sempre a vida de estudante
Causa-nos magua, como a melodia
D'uma guitarra a soluçar distante.

Sonhos de amor, sorrisos, alegria,
Juventude bohemia, extravagante,
Tudo se esvae num ésto de agonia,
Mais triste que um poente agonisante.

E o sol, abandonando a immensidade,
Tingindo de vermelho o salso mar,
Evocará a doida mocidade...

E quando na velhice nos lembrar
O passado coberto de saudade,
Chamando-o em vão, havemos de chorar.

SONETO

(INEDITO)

O' minha velha capa de estudante,
Como te quero bem! Não imaginas!
Pois só tu me não deixas um instante,
Só tu me enlaças nessas prégas finas.

Se, em noites de luar, minha alma errante
Paira sonhando p'lo passado em ruinas,
Meu pranto enxugas, ó rotinha amante,
Meu corpo guardas de humidas nebrinas.

Por isso, has-de ir commigo para a cóva,
Soluçando a mais triste e linda trova
Que o Mondego costuma soluçar...

Não, não te deixarei no mundo á tôa,
Pois receio que saiba outra pessoa
As maguas que só tu me ouves contar.

AQUELLE BANCO...

Por baixo da ramada que pendia
Do enorme chorão já secular,
Um banco de madeira outr'ora havia,
Que me deixou saudades de matar...
Erguido quasi ao fim da longa estrada,
Lembrava uma ermidinha, abandonada,
Na penumbra d'um bosque, ás andorinhas,
Com historias de moiras e rainhas
Que á meia noite vinham pentear
Os cabellos doirados ao luar.
Aquelle banco triste, solitario,
Sabia mais segrêdos que o rosario
D'uma freira que amasse um trovador!

Era p'ra alli que vinham ao sol-pôr
Namorados e velhos camponezes,
Que fallavam da guerra dos Francezes,
Do rei D. Pedro V, o bem amado,
Dos tempos de rapaz e de soldado.
E algum, que já fôra marinheiro,
Evocando o passado aventureiro,
Contava lendas d'um paiz distante
E eu ouvia-os, mas com a amargura
De não ser um cavalleiro andante,
Para andar sempre em busca da aventura.
. . . . . .

VASCO VIDAL

Quem, como eu, ainda há um mêz o via cheio de saude e vida, mal diria então que hoje lhe havia de prantear a morte.

Mas *la santé n'est pas qu'un nom, la vie n'est pas qu'un rouge,* dizia o grande Bossuet.

Delle resta a saudade inextinguivel no peito dos seus amigos e a materia, que, obedecendo á inexoravel lei da chimica, irá seguindo a evolução eterna do universo.

Delle resta mais que tudo a imagem viva da sua bella alma, cujo descanço sêja eterno, se é verdade o que só a morte aos mortos póde dizêr.

Meu companheiro desde a infancia, Vasco Vidal fôi sobretudo um dos poucos amigos em quem lentamente se vão reconhecendo thesouros de bondade que o manto da modestia occulta e que só uma longa convivencia póde descobrir.

De uma natureza complicada e pouco vulgar, mostrava sempre um aspecto placido, conversando com espirito, rindo até, quando essa placidêz e esse riso não eram muitas vezes mais que uma terrivel ironia das tempestades e tristezas que lh'iam n'alma.

Ao vê-lo conversador e alegre, amigo da convivencia, que perante todos o tornava sympathico, ninguem diria que havia alli o rapaz triste e pensativo, o solitario que ia esquecer o mundo em meio da naturêsa, o leitôr das tristêsas de Antonio Nobre e elle mesmo o poeta triste e sentimental que já há muito achava *certa ventura na morte.*

. . . . . .

«E eu contemplo toda a amargura
Da minha aldeia tão linda e santa,
E emquanto o rio geme, murmura,
Vejo na morte certa ventura
Que me dá pena mas que me encanta»

O contraste que elle fazia muitas vêzes resaltar entre a sua apparencia illusoria e o seu verdadeiro sentir, mais uma vez o provou com a serenidade estoica que a ninguem deixou entrevêr, um momento sequer, a ideia fixa do suicidio.

Nos ultimos dias, e tendo já a firme resolução de acabar com a vida, elle por ahi andava em serenatas, cantando e mostrando uma alegria ficticia, quando por certo o devia minar intimamente o desespero do suicida.

Desta apparente contradicção entre os seus actos e o seu modo de sentir, resultou que muitos dos seus amigos só depois da sua morte puderam, por uma combinação de factos, quer intimos, quer mais ou menos salientes da sua vida, firmar uma ideia approximada da sua personalidade; mas o que todos lhe reconheceram, o que se ostentava vivido e luminoso, como synthese de todo o seu enigmatico sêr, era a nobresa da sua alma e a bondade do seu coração.

Como poeta, fôi Vasco Vidal d'uma tristêsa e sentimento que melhor que nada lhe póde definir a alma.

E embóra na forma não tivesse alcançado a meta, que só com o muito praticar se attinge, tinha comtudo os verdadeiros dotes de um poeta.

Era o *Só*, aquelle livro tão repassado de melancholia, a sua biblia, o companheiro que nunca o largava, como quem não tinha mais balsamos para a sua occulta dôr.

Ainda, dias antes da sua morte, elle me mostrava, com um enthusiasmo febril que lhe era proprio, aquelle admiravel soneto de Antonio Nobre:

O' virgens que passaes ao sol poente
Pelas estradas ermas a cantar
. . . . . .

Pudesse eu adivinhar então que, naquella arrebatada sympathia pela

tristêsa do poeta que se despede saudoso da vida q e lentamente foge, havia já tambem, com a ideia fixa da morte, a saudade dos momentos ditosos da vida!

DINIZ SEVERO.

Ao meu saudoso amigo Vasco Vidal

Como flôr, que agora nasce e desabrocha para logo ser desfolhada por tufão violento — assim é a vida.

Se agora somos bafejados por lindos e dourados raios do sol, descortinamos radiantes horizontes, nos vêmos abraçados pela felicidade; n'um momento cessa tudo: o ceu tolda-se e a tempestade é prestes a desabar sobre nós, deixando que nos appareça a realidade com todas as suas côres. Se agora estamos bem, logo vem o mal, e cada vez a peor, até que o nosso espirito cansa e sente-se sem alento, sem forças para proseguir. E' então, que á nossa mente occorrem dois desejos: o de viver, ou o de morrer.

Nem sempre sabemos, qual preferir; mas, volvendo os olhos para o passado, vendo que, quando nos sorria o bem, nos veio o mal com tão sinistras côres, temos uma vontade doida de morrer. Talvez que na morte se encontre o que procuramos: o socego de espirito, o bem estar, e por conseguinte, a felicidade; e, convictos d'isto, procuramos um meio para desapparecermos, esquecendo a familia, a noiva que devia ser ámanhã esposa, o amôr que ella nos consagrava, e os amigos — Talvez pense assim o suicida.

Foi assim talvez que, ainda ha bem pouco tempo, poz termo á existencia esse malogrado rapaz, amigo dedicadissimo, para mim modelo de virtudes, que ainda choro e jamais esquecerei, pois a saudade nunca de mim se apartará.

Era este Vasco Vidal, alma nobre e coração affavel e generoso até ao sacrificio, dotado de finissima intelligencia, distinguindo-se em tudo, mas, principalmente, como poeta, pela maneira como traduzia em quasi todos os seus versos um sentimento de profunda melancolia; como desenhista, pela maneira como reproduzia qualquer objecto com perfeição e arte, revelando uma habilidade indescriptivel. — Não havia n'elle qualidade, que não fosse digna dos maiores louvores; era estimado por todos, que o conheciam, pela maneira affavel como a todos tratava, pela maneira como os sabia captivar, tendo sempre para elles um dito alegre, uma palavra amiga.

No seu rosto não se lhe notava senão alegrias, mesmo que o coração estivesse envolta em fel d'amarguras. Não queria que mais ninguem partilhasse dos seus soffrimentos, e, devido a concentra-los em si só, juntamente com os relevantes dotes que possuia, elle se deixou arrastar por essa força, que o levou á morte.

Foi, n'este lance, que o fui encontrar: exhausto, moribundo, — e eu sem lhe poder valer, sem o poder volver á vida.

N'esse momento, não sei o que se passou em mim!

Olhava-o e não o via, porque já não era elle, que alli estava, era simplesmente uma parte do seu ser, um corpo inerte, em que a vida se ia apagando a pouco e pouco. Fallei-lhe e não me respondeu; somente obtive d'elle um olhar, como que um adeus, um adeus para sempre!

Foi assim, que o vi finar-se.

Hoje, ao recordar-me mais uma vez do seu passamento, duas cousas me contristam devéras: a perda d'um dos meus melhores amigos e o nunca ter podido suspeitar da sua terrivel resolução.

Se me fosse possivel advinha-lo, a minha força de vontade e a minha sincera e franca quanto verdadeira amizade alguma cousa conseguiriam. Esse mysterio insondavel, a ignorancia do que se passava no seu espirito, quasi me leva a desesperar.

Foste ingrato, caro amigo, n'essa crise de espirito, que tanto te atribulou, em despresares aquelle que hoje pranteia a tua morte.

Aristides de Figueiredo.

HOMENAGEM JUSTA

Isto da gente se lembrar que um dia
Deixa p'ra sempre a vida de estudante
Causa-nos magua, como a melodia
D'uma guitarra a soluçar distante.

VASCO VIDAL.

Esta quadra traduz bem o sentimento do coração diamantino do poeta das *Tristezas na Mocidade*, d'aquelle santo que hoje choramos, d'aquella alma a quem hoje vimos prestar homenagem.

Com certeza, ao escrever n'um dos seus sonetos aquelles quatro versos tão tristes, não pensou que lhe seria forçoso recorrer á morte e deixar tão cêdo a vida de estudante, porque, de contrario, partiria a penna, ao escreve-los.

Foi muito mais triste do que elle julgava!

Agora, para elle, acabaram-se as pungentes maguas e principiou o socêgo; para nós, que o amavamos, principiou a saudade, que só comnosco morrerá.

E' muito triste o vermos baixar ao tumulo um rapaz, como foi o Vasco Vidal!

Parece-me até um sonho a sua morte; julgo-o muitas vezes junto de mim, cheio de vida e saude, quando ha já vinte e cinco dias que elle habita a morada dos mortos!

Triste illusão!

Vasco Vidal, quando se resolveu a abandonar a vida, não pensou, sem duvida, na tristeza, em que deixava o sem numero dos seus amigos, que admiraram e amaram a sua bella alma; se não, nunca partiria, sem lhes dizer o ultimo adeus.

Muito teria que dizer d'aquelle caracter impolluto, mas a commoção de que estou possuido obriga-me a poisar a penna.

Que descance em paz o saudoso Vasco.

Porto, 31-7-904.

José de Magalhães.

AGRADECIMENTO

Angelo Vidal agradece, profundamente reconhecido, aos seus conterraneos, em geral, as penhorantes provas de deferencia que d'elles recebeu no doloroso transe por que passou.

Em particular, agradece ás numerosas pessoas amigas — e tão numerosas que não as especifica — a confortante companhia que lhe fizeram e tantos e tão grandes serviços que lhe prestaram e que o confundiram pelos requintes da mais elevada delicadeza, sentindo que ao alto valor de taes finezas apenas possa corresponder a sua eterna gratidão.

Dr. Mario de Vasconcellos

Acabou a sua formatura em direito o nosso querido amigo e illustre collaborador sr. Dr. Mario de Vasconcellos.

O seu brilhante talento — e nós podemos affirmar sem a menor lisonja que o tem — revelam-no o curso que fez e os numerosos e inconfundiveis artigos com que tem honrado as columnas do *Correio do Vouga*, firmados a maior parte d'elles com o pseudonymo de *Mendes do Rio*.

Estes exprimem melhor quanto vale intellectualmente quem os escreveu do que tudo que nós agora poderiamos dizer, levados pela admiração enthusiasta e sincera que sentimos pelo seu auctor.

Mario de Vasconcellos podia ter deixado um grande nome, como escriptor, no meio academico coimbrão, se a sua inexcidivel modestia o não obrigasse a esconder na gaveta o que escrevia.

Só ha poucos mezes, para acceder a um pedido que com muita insistencia lhe fizemos, se resolveu a pôr de parte a modestia, que nós nunca lhe desculparemos. Apesar d'isto, é já grande o numero dos seus admiradores.

Mas o Mario de Vasconcellos, a quem prophetisamos um futuro brilhantissimo, é para nós, além d'um alto espirito, — um grande amigo.

A esta ideia — não podemos deixar de dizer que, se por um lado sentimos uma profunda satisfação por elle ter terminado a sua carreira academica, por outro foi com viva saudade que o vimos abandonar a capa e batina.

NOTICIARIO

Aos nossos assignantes — Em virtude dos muitos trabalhos que o director d'este jornal teve durante os dois ultimos mezes, fômos obrigados a interromper a sua publicação.

Esperamos que os nossos obsequiosos assignantes nos relevem esta falta que procuraremos compensar.

Casamento civil — Matrimoniaram-se civilmente, no dia 1, ao meio dia, em Aveiro, o nosso prezado amigo sr. Eduardo da Costa Santos Cardoso e a sr.ª D. Maria Rosa de Jesus Cunha.

Foram testemunhas os srs. Eduardo d'Oliveira Barbosa e Sebastião Gomes de Magalhães.

Ao acto assistiram a sr.ª D. Innocencia Rosa de Jesus, irmã da noiva, e os srs. José Maria Pereira, proprietario do nosso collega *Jornal d'Ilhavo*, João Cardoso da Silva Araujo, José d'Oliveira Barbosa, Valeriano Simões Lemos, Joaquim Maximo da Costa Guimarães, Maximo Henriques d'Oliveira e João Henriques d'Oliveira.

A's duas horas da tarde, foi servido um opiparo jantar no *Hotel Cysne*, em que estiveram, entre outras pessoas, de cujos nomes não nos recordamos, a sr.ª D. Innocencia Rosa de Jesus e os srs. Eduardo d'Oliveira Barbosa, Sebastião Gomes de Magalhães, José Maria Pereira, João Cardoso da Silva Araujo, Valeriano Simões Lemos, Alfredo de Magalhães, etc.

A's 4 e meia da tarde, os noivos partiram para a Barra, devendo retirar no dia seguinte para Lisbôa.

Sinceramente lhes desejamos um futuro cheio de venturas.

—

Não podemos fechar esta noticia, sem mostrarmos a admiração, que ha muito temos pela intelligencia e caracter do sr. Eduardo da Costa Santos Cardoso, e que a resolução que tomou de se casar civilmente veio firmar.

Este facto, para nós, tem uma alta significação; revela-nos a nobreza de caracter do sr. Eduardo Cardoso, que, a todo o transe, quiz harmonisar os factos da sua vida com as suas ideias.

Um homem, que se dedica de toda a alma á causa do proletariado e que reconhece que a Igreja é uma das forças mais poderosas que se oppõem ás justissimas reivindicações d'aquelles para quem a vida é só o trabalho e a oppressão, nunca poderia casar-se catholicamente, sem que isso fosse implicar d'uma maneira flagrante com a sua vida moral.

O sr. Eduardo Cardoso assim o comprehendeu e sentiu, e é por isso principalmente que nós o admiramos.

Festividade — Deve realisar-se, nesta villa, no proximo domingo, a festividade de Nossa Senhora da Graça.

Na vespera: haverá illuminação, fôgo de artificio e do ar, e tocarão as musicas de Canellas e de Albergaria-a-Velha.

No domingo ha missa solemne, subindo ao pulpito o rev. sr. Padre Manuel Simões Amaro.

Em seguida, saírá a procissão, que, a avaliar pelos annos anteriores, deve ser revestida de grande pompa.

Instrucção — Foram providos definitivamente nas escolas de Aguada de Cima e de S. João de Loure a sr.ª D. Alzira de Lemos e o nosso prezado amigo sr. Alexandre Nunes Vidal.

Os nossos parabens.

Exame — Concluiu brilhantemente o curso do Real Collegio Militar, obtendo a classificação de *premio*, o nosso amigo sr. Orlando de Mello Rêgo, filho do extincto coronel Fernando Rêgo, nosso illustre e saudoso conterraneo.

Sinceramente o felicitamos.

— Tambem concluiu o curso theologico no seminario de Coimbra o nosso amigo sr. Francisco Lopes da Silva Junior.

Os nossos parabens.

Caminhos do campo — Segundo nos consta, os caminhos do campo estão n'um estado verdadeiramente lastimoso, encontrando-se em alguns pontos quasi intransitaveis.

Já não é a primeira vez que nos referimos a este assumpto e havemos de fazê-lo sempre, emquanto não forem attendidas as reclamações, que julgamos justas.

A' camara municipal d'Aveiro — Sabemos que foi deliberado, ha alguns mezes, pela camara municipal d'Aveiro, que seria dado o nome de Avelino Dias de Figueiredo á estrada que ultimamente se abriu n'esta villa, por iniciativa d'aquelle nosso amigo e illustre conterraneo.

Até hoje, signal nenhum indica que esteja realisada essa deliberação.

Por a acharmos muito justa, é que mais uma vez a lembramos á camara.

Gatunos — No visinho logar d'Horta, foi ha dias assaltada por alguns gatunos a capoeira da casa da sr.ª Anna de Mello, levando-lhe todas as gallinhas que lá encontraram.

Não se chegou a averiguar quem fôram os auctores da *proêza*.

Aqui tambem são muito frequentes casos d'esta natureza, ficando sempre impune quem os commette.

Não era mau que as auctoridades tomassem mais a serio estas coisas.

Noticias Pessoaes

Retiraram de Luzo, onde estiveram durante alguns dias, a uso de aguas, a sr.ª D. Otilia d'Albuquerque Rocha e sua gentilissima filha sr.ª D. Maria Estephania d'Albuquerque Rocha.

— Está n'esta villa, com suas gentilissimas sobrinhas, o nosso excellente amigo sr. Manuel Dias Saldanha.

— Teve a sua feliz *délivrance*, dando á luz uma formosa creança do sexo feminino, a esposa do nosso amigo sr. Sebastião Gomes de Magalhães.

— Estão em Aveiro, a assistir aos exames de instrucção primaria, a sr.ª D. Alzira de Lemos e D. Joaquina de Jesus de Pinho, e o nosso bom amigo sr. Angelo Coelho de Magalhães Vidal, illustrado professor do lyceu do Porto.

— Encontra-se gravemente enferma a mãe do nosso amigo sr. Manuel Dias Saldanha. Fazemos ardentes votos pelos allivios da bondosa senhora.

— Retirou do Valle da Mó, com suas ex.mas sobrinhas, o nosso amigo sr. João Nunes Fernandes.

— Esteve ha dias n'esta villa, de visita ao nosso amigo sr. Callisto Dias Saldanha, o sr. Manuel Alves da Nobrega, abastado capitalista e proprietario, em Chaves.

— Em gôso de ferias, está n'esta villa a sr.ª D. Maria Natalia da Rocha Coelho de Magalhães, gentilissima filha do nosso amigo sr. José Fortunato Coelho de Magalhães.

— Esteve em Coimbra, no dia 3, o nosso querido amigo sr. Luiz Homem de Macêdo, alumno da Universidade.

— Tem passado bastante incommodada a esposa do nosso amigo sr. Eduardo d'Oliveira Barbosa. Sinceramente lhe desejamos rapidas melhoras.

— Esteve n'esta villa, de visita ao sr. Avelino Dias de Figueiredo, o sr. dr. João Xavier Pereira Simões, que durante alguns annos aqui foi medico do partido.

— Deu á luz, com feliz exito, uma esbelta creança do sexo feminino, a esposa do nosso amigo sr. Manuel Gomes de Magalhães.

— Está em Luso o nosso amigo sr. Amadeu Madail.

— Encontra-se já nesta villa o nosso presado amigo sr. Orlando de Mello Rêgo, que ha poucos dias terminou brilhantemente o curso do Real Collegio Militar.

D'aqui o abraçamos affectuosamente.

EXPEDIENTE

Aos nossos obsequiosos assignantes do Brazil pedimos a especial fineza de enviarem a Alfredo de Magalhães — Eixo (Aveiro) — a importancia da sua assignatura, pela maneira que lhes fôr mais conveniente, visto que para alli não se faz a cobrança por intermedio do correio. A todos consignamos aqui o devido agradecimento.

Aproveitamos a occasião para testemunhar o nosso profundo reconhecimento áquelles que tão amavel e espontaneamente no-la enviaram.

Correspondencias

Porto, 30

Anda o Porto seriamente embaraçado com os multiplos problemas que se lhe apresentam, cada qual mais complicado. Desde a reforma da policia que se impõe como uma medida de absoluta sanidade, até á questão da viação; desde o escandaloso monopolio do pão que alguns gananciosos pretendem levar a effeito, sem se importarem que o seu capital macularia qualquer homem honesto por ser o suor de muito rosto honrado, até á questão dos tabacos e do alcool, o Porto sente-se despertar, não por uma acção energica, mas sim n'um estertor que será por certo o seu completo anniquilamento. Oxalá se não confirmem taes previsões, o que muito duvido.

— Tem ultimamente havido grande numero de incendios, no visinho concelho de Gaya, que muito tem preoccupado as auctoridades. Quasi todos os dias os jornaes relatam tão tragicos acontecimentos, que teem prerompido d'um modo mysterioso. Bom será que as auctoridades se ponham em campo, para tranquillidade da florescente villa e castiguem rigorosamente os malfeitores, se os houver, como se suppõe.

Foi ha dias capturado um astucioso gatuno, que por um processo antiquissimo conseguiu burlar muitos negociantes. Entrava n'um estabelecimento e depois de escolher as fazendas que desejava, fazia-se acompanhar d'um empregado, pretextando pagar em casa os objectos furtados. Ao chegarem *á tal casa* pegava nas fazendas e sahia pelo lado opposto, emquanto que o caixeiro ficava aguardando o pagamento da conta! Assim conseguiu ludibriar alguns commerciantes, que apresentaram queixa á policia que por sua vez remetteu tão *honrado cavalheiro* ao tribunal.

— Realisou-se no domingo, na Praça d'Alegria, *a flecha humana portugueza* pelo cyclista portuense Antonio Real.

A auctoridade que tinha visado os cartazes para que o salto fosse de 16 metros, prohibiu no proprio dia, e quasi á hora do espectaculo, que tal salto fosse dado, consentindo apenas que elle fosse de uns 3 ou 4 metros e ainda assim com rede!

O publico indispoz-se bastante com tal medida adoptada á ultima hora, pois que já todos estavam munidos com os seus bilhetes, e durante a diversão foi dizendo *d'aquellas* que só pode dizer quem se vê tão torpemente logrado.

— Effectua-se no proximo domingo uma grande excursão á Figueira da Foz, promovida pelos empregados do Commercio do Porto. O programma dos festejos com que hão-de ser recebidos os excursionistas é o mais captivante possivel, esforçando-se os caixeiros figueirenses por lhes proporcionar uma recepção que ha de deixar immorredoras recordações em todos aquelles que se utilisarem de tão agradavel passeio.

FELIX PEREIRA.

Agueda, 28

Manifestou-se, já ha dias, principio de incendio em casa do sr. Francisco Barriga, no bairro da Venda Nova d'esta villa. Devido ao povo d'este bairro que, n'estas occasiões não se poupa a trabalhos, o fogo não tomou as proporções que podia tomar, não havendo, por isso, a registar caso algum de maior.

— Acha-se em Vizella, a uso de aguas, o sr. Francisco de Sousa Carneiro.

Que volte completamente restabelecido o sympathico moço são os nossos ardentes desejos.

— De visita ao sr. Bento de Sousa Carneiro e familia, tem estado aqui o sr. Lino Manuel Carvalho com sua ex.ma esposa snr.ª D. Maria Guilhermina de Carvalho Forment e a sr.ª D. Maria Augusta Duarte.

Têm dado alguns passeios pela villa de que dizem gostar muito.

Retiraram ante-hontem.

— No dia 15 do proximo mêz de agosto, festeja-se no logar de Travassô a N.ª S.ª do Amparo. De vespera, haverá entremez subindo á scena a **Rosa do Adro** que, os briosos moços e gentis meninas d'aquella terra saberão desempenhar com perfeição, para o que, já ha bastante tempo se andam ensaiando.

P.

BIBLIOGRAPHIA

A activa e acreditada Livraria Editora Viuva Tavares Cardoso honrou-nos mais uma vez, offerecendo-nos tres bellos livros, ha pouco publicados. São elles — *Da Terra ás Estrellas* (viagem ao Infinito), prefaciado por Flamarion e traduzido por Gonçalves Pereira; *A Infancia*, de Leão Tolstoi; *A Guerra Russo-Japoneza*, de Eduardo Noronha.

Por falta de espaço, não podemos hoje fallar d'elles, como merecem, o que faremos no proximo numero, limitando-nos, por agora, a agradecer á Livraria Editora tão requintada amabilidade.

ESPNGARDAS IDEAL

DA

"MANUFACTURE FRANCAISE D'ARMES ET CYCLES SAINT ETIENNE,,

Estão a chegar ao agente em Coimbra d'esta importante casa

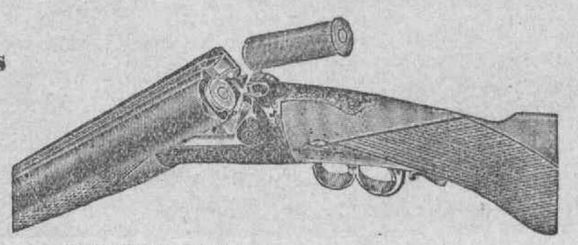
Além do magnifico sortido de armas de differentes marcas, encarrega-se de mandar vir directamente armas de quaesquer marcas, taes como: *Anson & Deeley, W. W. Preemer, Drissen Greener, Cogswell & Harrison, Fresard, Saint-Etienne, Purdey, Francotte* e outros.

Carabinas *Colts, Winchester, Buffalo-Lebel* e outras.

Magnifico sortido de revolwers inglezes, americanos e belgas. A unica casa em Coimbra que vende os magnificos revolwers da Manufacture Française d'armes et cycles, *Saint-Etienne*, (Loire) e as bengallas-armas, da mesma casa, que sendo muito elegantes e muito leves, mettem um tiro de chumbo com precisão a 80 metros.

Não confundir com as imitações

As legitimas pistolas automaticas BROWNING de 7 tiros a 15$000 reis.



JOAO GOMES MOREIRA

Rua Ferreira Borges—COIMBRA

Carris de Ferro de Coimbra

HORARIO PROVIZÓRIO

Carreiras entre o largo das Ameias e a rua Infante D. Augusto

Partidas

Do largo das Ameias		Da rua Infante D. Augusto	
6h e 30m	manhã	7h	manhã
7	» (a)	7,30	»
7,30	»	8	»
8	»	8,30	» (b)
8,30	»	9	»
9,30	»	10	»
10,30	»	11	»
11	»	11,30	»
11,30	»	12	»
12	»	12,30	tarde
12,30	tarde	1	»
1	»	1,30	»
1,30	»	2	»
2	»	2,30	»
2,30	»	3	»
3	»	3,30	»
3,30	»	4	»
4	»	4,30	»
4,30	»	5	»
5	»	5,30	»
5,30	»	6,30	»
6	»	7,30	»
7,30	»	8,30	noite
8	noite	9,30	»
9,30	»	10	»
10	»	10,30	»

(a) Directo da Casa do Sal á rua do Infante D. Augusto.
(b) Directo da rua do Infante D. Augusto á Casa do Sal.

Carreiras diretas entre a R. do infante d. Augusto e Estação B

Partidas

da R. Infante d. Augusto	da Estação B
6h tarde	6h e 58m tarde
8, noite	8h e 45m noite

Carreiras entre o largo das Ameias e a estação B dos caminhos de ferro

Partidas

Do largo das Ameias		da estação B
3h 10m	manhã	As partidas desta estação, são logo depois das chegadas dos comboios.
5,55	»	
8,10	»	
2,30	tarde	
3,56	»	
4,35	»	
5,37	»	
6,25	»	
6,40	»	
8,10	noite	
12,15	»	

Todo o serviço que fôr feito alem de indicado neste orario é considerado extraordinario.

Tabéla de preços

Largo das Ameias ou Caza do Sal á Rua do Infante D. Auhusto — 50 réis

Largo de D. Carlos ou Gazómetro á Rua do Infante D. Augusto — 40 réis,

Largo das Ameias, Caza do Sal ou Rua Infante D. Augusto ao Mercado — 30 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazometro ao Largo de D. Luís — 30 réis.

Largo de D. Carlos ou Gazómetro ao Mercado — 20 réis.

Estação *B* dos caminhos de ferro ao Largo das Ameias ou Mercado — 50 réis.

Estação *B* dos caminhos de ferro á rua Infante D. Augusto — 80 réis.

Estação *B* dos caminhos de ferro á Caza do Sal — 20 réis.

A assinatura para os bilhetes pessoais está aberta pelos preços annuais de réis 12$000; e 9$000 réis para os menores de 14 anos e creados, sendo estes ultimos 1e logares na plantaforma dos carros.

Côres dos faróis

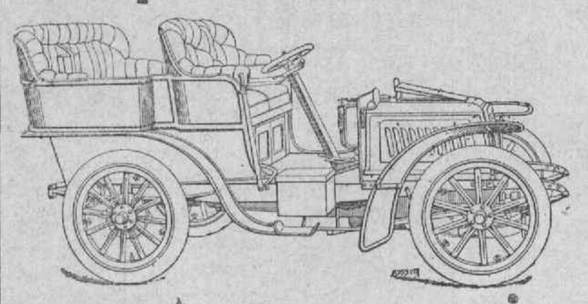
Verde, indica a Alta.
Vermélha, estação *B*.
Branca, Caza do Sal.
Amarelo escuro, reservado.

Desde o dia 1 de Maio na estação da Rua do Infante D. Augusto recebem-se encommendas e fazem-se despachos para a grande e pequena velocidade nas estações do Caminho de Ferro, para o que haverá serviço especial de transporte.

Só se recebem volumes cujo pezo maximo não seja muito superior a cem kilos.

Recebem-se anuncios para serem fixados no interior de todos os carros em circulação pelo preço anual de 12$000 réis, sendo os anuncios e sêlos por conta do anunciante.

Empreza Automobilista Portugueza



COIMBRA — Avenida Navarro
LISBOA — Avenida da Liberdade 1 a 5

Agentes exclusivos das afamadas marcas:

Automoveis *Darracq*, Motocyclettes *Werner*, e Byciclettes *La Robuste*.

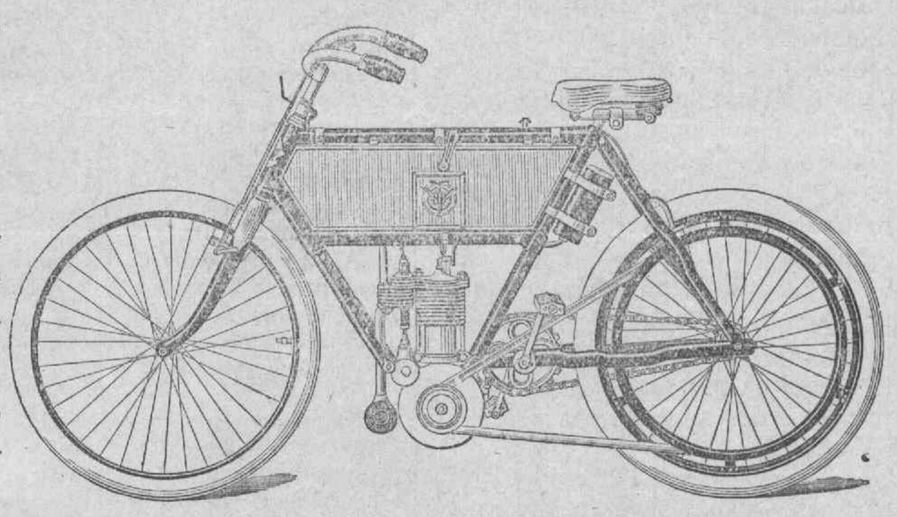
Vende por encommenda Automoveis, Motocyclettes ou Byciclettes de quaesquer outros fabricantes.

Automoveis para carreiras para 8, 12 e 16 pessôas.

Pneumaticos e accessorios para automoveis, motos e byciclettes.

Quer nas officinas de Coimbra quer nas de Lisboa, compõem-se automoveis de quaesquer marcas.

Camions para 1:000, 1:500, 2:000 e 3:000 kilos de mercadorias.



Typographia Democratica

Esta officina, que dispõe de material e machinas de primeira ordem, e onde se imprimem os jornaes: *O Ensino*, *Resistencia*, *Correio do Vouga*, *Justiça*, *A Razão* e *O Portugal Chauffeur*, — encarrega-se de executar todos os trabalhos typographicos, por mais difficeis e delicados que sejam. Ha material para a impressão de bordados e desenhos.

BILHETES DE VISITA

Arco d'Almedina, n.º 10 — COIMBRA — Arco d'Almedina, n.º 6, 2.º

ELEMENTOS DE GYMNASTICA

CONTENDO

A ESCOLA DO SOLDADO SEM ARMA

PARA USO DAS

Escolas de habilitação para o magisterio normaes e de instrucção primaria

De harmonia com o decreto n.º 8 de 24 de dezembro de 1901

Preço, 800 reis

Livrarias: Ferreira & Oliveira, rua Aurea, Lisboa; Figueirinhas, rua das Oliveiras, Porto; França Amado, Coimbra, e na administração d'este jornal.

OS DRAMAS DA CORTE

(Chronica do reinado de Luz XV)

ROMANCE HISTORICO

POR

E. Ladoucette

Os amôres trágicos de Manon Lescaut com o celebre cavalleiro de Grieux, formam o entrecho deste romance, rigorosamente histórico, a que Ladoucette imprimiu um cunho de originalidade devéras encantador.

A côrte de Luiz XV, com todos os seus esplendores e misérias, é descripto magistralmente pelo actor d'**O Bastardo da Rainha** nas páginas do seu novo livro destinado sem duvida a alcançar entre nós exito egual áquelle com que foi recebido em Paris, onde se contaram por milhares os exemplares vendidos.

A edição portugueza do popular e commovente romance, será feita em fasciculos semanas de 16 páginas, de grande formato, illustrados com soberbas gravuras de página, e constará apenas de 2 volumes.

20 réis o fasciculo, 100 réi o tomo
2 Valioso brindeS

A TODOS OS ASSIGNANTES

Pedidos á

BIBLIOTHECA POPULAR

EMPRESA EDITORA

162, Rua da Rosa, 162 — LISBOA

TRINDADE COELHO

OS MEUS AMORES

(CONTOS)

3.ª edição augmentada em mais do dobr

1 vol. de luxo de 423 pag. e com um esplendido retrato do auctor.

Preço, 500 reis — Pelo correio, 570 réis

Rudimentos de agricultura

POR

Antonio X. Pereira Coutinho

Livro approvado no ultimo concurso pela Direcção Geral d'Instrucção Public

Preço, pelo correio, 280 reis

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na Casa Editora **Livraria Aillaud**, rua do Ouro, 42, 1.º - LISBOA.

A ultima reforma do Ensino Secundario

Está á venda em todas as livrarias e interessante opuscolo sobre o ensino secundario. E devido ao snr. Ricardo d'Abreu, que tem acompanhado o assumpto com interesse, sobre o qual faz largas considerações criticas, que todos os paes de familia devem conhecer.

ABC do Povo

por

TRINDADE COELHO

Livraria AILLAUD & Cie

Lisboa — 242, rua Aurea

SONETOS DE Candido Guerreiro

Um magnifico volume, em papel especial e capa de cartolina, primorosamente illustrada.

Pedidos á administração d'este jornal

PREÇO 500 réis, franco de porte.

Para os nossos assignantes, desconto de 20%, fazendo-se a cobrança conjunctamente com a da assignatura do «Ensino», quando assim o desejarem.

Depositarios geraes, no norte do paiz, Livraria Figueirinhas, rua das Oliveiras, Porto; no sul do paiz, Livraria Ferreira & Oliveira, rua do Ouro, Lisboa.